

A CASA TOMBADA / FACULDADE DE CONCHAS

O livro para a infância: textos, imagens e materialidades

**A MORTE E A CRIANÇA: A IMPORTÂNCIA DOS TEMAS
DIFÍCEIS NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA.**

MARIANA AMARGÓS VIEIRA

SÃO PAULO

2019

MARIANA AMARGÓS VIEIRA

**A MORTE E A CRIANÇA: A IMPORTÂNCIA DOS TEMAS
DIFÍCEIS NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA.**

Trabalho de conclusão do curso de
Especialização “O livro para a infância:
textos, imagens e materialidades”, d’A Casa
Tombada/FACON, sob orientação de
Cristiane Rogério.

SÃO PAULO

2019

MARIANA AMARGÓS VIEIRA

A MORTE E A CRIANÇA: A IMPORTÂNCIA DOS TEMAS DIFÍCEIS
NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA

Trabalho apresentado a A Casa Tombada/FACON como parte dos pré-requisitos para obtenção do título de Especialista.

São Paulo, 17 de junho de 2019.

Prof. Odilon Moraes, Leitor

Profa. Letícia Liesenfeld, Leitora

Profa. Crisitane Rogério, Orientadora

Tudo o que hoje é descoberta foi antes coisa estranha e desconhecida. A vida foi sempre assim: uma coisa brutamontes atrás de outra. Só dependia de mim amansar o monstro, conhecer os seus porquês.

Renata Penzani – A coisa brutamosntes

SUMÁRIO

QUANDO TUDO COMEÇOU	7
A HISTÓRIA E SEUS TABUS	10
O QUE PERCEBI COM A MORTE NOS LIVROS	16
O QUE FICA DESSE PASSEIO	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

Resumo: *Em dois anos de estudos sobre o livro para a infância, fui tomada por uma grande curiosidade sobre o porquê da resistência em tratar temas difíceis com as crianças, como morte, separação, abandono e perdas de maneira geral. O dia a dia de atendimento em uma livraria me trouxe outras evidências desse receio dos adultos, então comecei a pesquisar os livros que temos hoje no mercado literário com esses temas e vi que a variedade era grande, tanto de obras estrangeiras quanto de brasileiras. Comecei a me questionar por que, mesmo com essa variedade de títulos, ainda é um tabu falar desses assuntos com as crianças. Por que esses temas não são tratados com naturalidade entre pais e educadores? Por que só são abordados quando as fatalidades acontecem? Por que só vemos pesquisas sobre o livro e a morte em artigos sobre psicologia e estudos de caso sobre como abordar a morte com crianças em doenças terminais? Em uma breve trajetória histórica, busco demonstrar que sempre tivemos títulos que abordaram esses temas. No entanto, hoje há editoras que dedicam parte de seu catálogo a eles, como a paulistana Pulo do Gato. Outras também não fogem desses assuntos, como, por exemplo, a Gato Leitor, que publicou o livro O Passeio, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo, um dos escolhidos para estudo neste artigo. Com essa obra, por exemplo, pude observar o livro sob várias perspectivas: a reação dos leitores ao terem contato com o livro, depoimentos afetuosos de professoras e mães, assim como detalhes do processo de criação dos próprios autores para a construção do objeto livro. Esses são alguns dos pontos levantados e sobre os quais faço explicações ao longo deste artigo.*

Palavras-chave: infância, morte, literatura, literatura infantil, literatura brasileira.

QUANDO TUDO COMEÇOU

Cresci em meio ao mundo médico. Meus pais são pediatras e escolheram o interior para criar as filhas e poder acompanhar o nosso crescimento mais de perto. Durante a minha infância, não recorro de nenhuma perda significativa de pacientes que eles tenham tido. Havia, sim, uma preocupação com determinado paciente que precisava de mais atenção ou tratamento em outra cidade, mas nada que tenha marcado a minha infância. Mesmo quando faleciam familiares – como meus avós, por exemplo –, era tudo muito discreto e pouco falado; não era um assunto proibido ou tabu, mas também não era aberto e conversado. Simplesmente fazia parte da vida, como meu pai sempre diz: “Basta estar vivo para morrer”. Talvez a profissão tenha tornado a questão “morte” um assunto comum que vai acontecer com todos um dia.

Em minha adolescência, tive perda de amigos, separações de pais de amigos, mas não me recorro de ter havido uma conversa aberta sobre esses assuntos. Eram mais perguntas e questionamentos do pós-morte que fazíamos quando o assunto surgia. Um acontecimento traumático que vivi de perto foi o falecimento dos pais de uma amiga muito próxima da minha irmã, em um acidente numa rodovia do Paraná. A conversa foi direta, afetuosa em um momento tão delicado, mas com certa urgência por parte dos meus pais de que aquela tristeza passasse. Já tinham falecido e não havia nada a ser feito, a vida tinha que seguir... A filha do casal, amiga da minha irmã, sobreviveu ao acidente e, para eles, tínhamos que dar atenção à vida que ficou.

Quando tive meu filho, Miguel – e dói admitir isso –, não era um assunto que abordava com ele. Falávamos sobre esses temas, mas não utilizei a literatura para conversar sobre eles. Mesmo quando me separei, a literatura não fez parte desse processo. Hoje, para realizar a pesquisa, voltei a conversar com meu filho sobre o assunto, mostrando os livros que estou usando nos estudos. Lendo junto e conversando, percebemos que, sim, poderia ter sido diferente. Meu filho me confidenciou que talvez se expressasse mais emocionalmente se tivéssemos lido sobre separação e outros temas, como morte, por exemplo.

Fico um tanto aliviada quando percebo que nunca é tarde para trazermos a literatura para a vida, tanto para despertar o desejo de ler quanto para abordar temas mais duros, como separação, morte, abandono, entre outros assuntos difíceis de serem tratados com as crianças.

Minha visão para a literatura infantil abriu-se quando ingressei na pós-graduação O Livro para a Infância, da Casa Tombada. A partir daí, comecei a notar o quão vasta é a literatura infantil e o tamanho da sua importância para o crescimento e desenvolvimento emocional tanto das crianças quanto de seus pais.

Mas só fui perceber a real resistência aos temas difíceis quando fui trabalhar em uma livraria. Ali percebi, no dia a dia, que era um problema em especial para os adultos. Só vinham buscar esse tipo de história quando havia uma perda, um processo de

separação ou mudanças na família e precisavam explicar para a criança – e para eles mesmos, de certa maneira – como lidar com aquele processo de luto.

São raras as pessoas que procuram esse tipo de literatura sem utilizá-la como uma bula de remédio, ou seja, para um fim específico. Já houve casos em que clientes adquiriram o livro *O Passeio*, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo, da editora Gato Leitor, para presentear um amigo da filha simplesmente porque o acharam lindo e poético, e que tanto a criança quanto os pais iriam gostar. Ou mesmo, como afirmou em uma entrevista concedida a mim, Zeco Montes, que há mais de 40 anos trabalha com livros infantis e hoje é proprietário da ÔZé editora e da Faz de Conta, livraria itinerante que vende seus livros e os de outras editoras parceiras: “Como livreiro especializado em livros infantis, nunca deixei de ter livros com temas difíceis nas minhas livrarias. Uma boa livraria infantil deve ter bons livros. Ponto. [...] Bons livros independem de tema. Leitores, adultos ou crianças, devem ler de tudo”.

Uma prova disso é o aumento do número de livros publicados sobre tristeza, morte, separação e outros assuntos delicados que temos no mercado hoje. Autores e ilustradores, estrangeiros e brasileiros, invadem as prateleiras trazendo a poesia e a delicadeza desses temas por meio de palavras e imagens, principalmente nas duas últimas décadas. E mesmo assim temos uma resistência por parte dos adultos em abordar esses temas com seus filhos, como vejo muito na livraria onde trabalho.

Indico todo tipo de livro quando atendo um cliente que busca um presente ou um livro para a família. E é aí que percebo a resistência de alguns, dizendo que o livro não é adequado para crianças pequenas ou que o assunto não deve ser abordado com elas, pois as crianças precisam de livros bonitos que falem sobre alegria, sobre coisas bonitas. Mas me pergunto: a vida é feita só de coisas bonitas e alegrias? Essa visão sobre os assuntos que devem ou não ser abordados com as crianças precisa mudar, para que elas cresçam conhecendo seus sentimentos e sabendo lidar com eles. Cito aqui a visão de John Dewey:

Tendemos a pensar nos sentimentos como coisas tão simples e compactadas quanto as palavras com que os denominamos. Alegria, tristeza, esperança, medo, raiva ou curiosidade são tratados como se, por si só, cada um fosse uma espécie de entidade que entra em cena já pronta, uma entidade capaz de durar muito ou pouco tempo, mas cuja duração, crescimento e carreira é irrelevante para sua natureza. Na verdade, quando significativas, as emoções são qualidades de uma experiência complexa que se movimenta e se altera [...] A experiência é afetiva, mas nela não existem coisas separadas, chamadas emoções. (DEWEY, 2010)

Tendemos a amenizar temas delicados para as crianças com medo do sofrimento, delas e do nosso mesmo, como se elas não sentissem tristeza. Desde o momento do nascimento, a criança passa pela primeira separação, e depois será reconectada pelo aleitamento, pelos cuidados e pelo amor. Por que não nos permitimos, por meio da literatura e da conversa ou da simples troca de olhar, falar com as crianças sobre suas perdas ao longo de seu crescimento?

Juliana Vendruscolo, docente da Universidade Paulista (Unip) de Ribeirão Preto e psicóloga do Grupo de Apoio à Criança com Câncer, defende que há momentos em que é preciso enfrentar a situação. Em seu artigo “Visão da criança sobre a morte”, apresentado no Simpósio Morte: Valores e Dimensões, ela relata que, em um de seus atendimentos, uma paciente de 3 anos havia perdido a irmã por uma doença grave. A família optou por dizer à criança que a irmã “foi morar com papai do céu”. Só que, ao longo dos atendimentos, Juliana percebeu que a menina sabia que a irmã mais velha não voltaria mais e sentia o impacto dessa emoção desconhecida.

O que nos faz pensar: com que direito nós, adultos, subjugamos as emoções e os sentimentos de nossas crianças? Por que esperar acontecer algo para ler livros ditos de temas difíceis, se podemos quebrar essas nossas barreiras e tentar dialogar sobre esses assuntos com as crianças? Acredito que já começamos um movimento de mudança. Podemos encontrar em nossas prateleiras hoje não apenas os já bons e consagrados títulos de autores desde a época de Monteiro Lobato, mas, também, aproveitamos bem as evoluções na criação e na publicação de livros em que a poética está presente no texto, nas imagens, no design e, muitas vezes, no efeito que eles conjugados podem provocar no leitor. Há editoras que estão muito abertas a oferecer ao leitor temas importantes, como, por exemplo, a paulistana Pulo do Gato, que, além de livros com a temática da morte, já abordou histórias sobre a situação de refugiados, adoção, superproteção, entre outros assuntos.

Há muita pesquisa na área de saúde sobre como as crianças lidam com a morte de alguém ou até a possibilidade da própria morte, em caso de doenças terminais. Mas ainda estamos engatinhando nos estudos sobre o poder da literatura desde a primeira infância. Porque, quando estamos perto deste encontro – livro e leitor –, podemos sentir que um repertório diverso e potente colabora para a formação emocional de qualquer pessoa – independentemente de ter ocorrido ou não algo próximo a ela. As histórias são um jeito de conversar com afeto sobre sentimentos muitas vezes camuflados, possibilitando a chance de um conforto e, quem sabe, um recomeço.

A HISTÓRIA E SEUS TABUS

A literatura chegou ao Brasil junto com os portugueses e outros estrangeiros que aportaram aqui por volta de 1500, ainda sem a preocupação com a leitura de fato, mas com o intuito de catequizar nossos índios, deixá-los mais “civilizados” e “letrados” aos olhos dos estrangeiros.

Com a evolução e a chegada da informação, surgiu uma preocupação com o ensino, a educação das crianças que aqui começavam a nascer, isso em meados de 1800, e começaram a importar livros didáticos e de leitura para o Brasil, vindos de Portugal, França, Estados Unidos e Espanha. Ou seja: quase nada era produzido com a nossa cultura e as histórias de nossos povos. Boa parte do que tínhamos era da literatura oral, as histórias que nossas crianças ouviam das mucamas e negras, que contavam causos de diversos temas. Não havia censura: romances, assombração, folclore, mortes trágicas eram temas constantes. Mais tarde, governantas inglesas, francesas e alemãs vinham para o Brasil para tomar conta e ensinar a boa educação e o letramento para os filhos de fazendeiros e donos de engenho (ARROYO, 2011).

Aos poucos, a literatura brasileira começou a ser escrita, influenciada pelo folclore nacional, por contos populares, mas também pelos contos de fadas europeus, como os recolhidos por Charles Perrault, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Mme. Beaumont, entre outros e outras.

Nossa literatura foi sendo criada ao longo do território nacional, mas, na maior parte das vezes, com uma visão da criança como um pequeno adulto. Isso fez com que a literatura infantil nascesse tão dependente da escola que praticamente não havia diferença entre livros para leitura prazerosa e livros escolares.

Aos poucos, no final do século XIX e início do XX, esse cenário foi mudando e autores e editoras passaram a olhar para as crianças como outro tipo de leitor. Esse espaço foi ganhando força, e podemos destacar o aparecimento da revista *O Tico-Tico*, fundada por Luís Bartolomeu de Sousa e Silva em 1905, que surgiu com o intuito “de proporcionar à infância brasileira uma revista exclusivamente infantil, imitada dos melhores modelos estrangeiros. Ou melhor, imitando os processos estrangeiros de apresentação gráfica e de redação, pois, alguns anos depois de seu aparecimento, *O Tico-Tico* já começava a apresentar-se com tipos fundamentais ‘brasileiros’ e com temas também exclusivamente nacionais” (ARROYO, 2011). Tivemos também os autores Figueiredo Pimentel, com *Contos da carochinha*; Thales Castanho de Andrade, com *Saudade*, um livro de ternura e sentimento, como cita Leonardo Arroyo; seguido por Viriato Correia, escritor de *Arca de Noé* e *Era uma vez*, mas só verificamos a mudança de tratamento de pequenos adultos para crianças com a literatura de Monteiro Lobato, na qual o mundo da fantasia era trazido para o universo dos pequenos respeitando sua idade e seu aprendizado.

Com forte expressão nacional, Monteiro Lobato colocou em circulação as histórias de Narizinho Arrebitado, mudando a visão da literatura escolar e passando a produzir livros para leitura fora da sala de aula.

Monteiro Lobato criou histórias para crianças com brincadeiras, travessuras, aventuras, fantasia... Tudo o mais que povoa o imaginário infantil pode ser encontrado em suas obras. Mas quero destacar aqui um ponto que me chama a atenção. Monteiro Lobato trouxe para a criança assuntos que normalmente não eram tratados com os pequenos, como guerras, política, meio ambiente e morte, tudo bem imbuído de fantasia e imaginação. Dona Benta explicava as grandes questões da humanidade, falando das guerras e suas consequências, e Emília, uma das personagens mais polêmicas da literatura brasileira, falava da morte de uma maneira tão corriqueira que eu mesma não percebia em minhas leituras na infância.

É no livro *Reinações de Narizinho*, no capítulo “Pó de pirlimpimpim”, que o personagem Visconde de Sabugosa morre e Monteiro Lobato descreve a cena que a turma do Sítio está vendo:

– *Corram! Achei o visconde!...*

Todos correram para lá, e de fato viram o pobre Visconde semienterrado na areia, morto, completamente morto!... Tinha-se afogado, e fora trazido pelas ondas. Pobre Visconde! Sem cartola, de língua de fora, olhos cheios de areia, corpo metade comido pelos peixes... Todos se comoveram profundamente, sobretudo ao verem que não largara a canastrinha. [...] Até o senhor Münchausen se comoveu. Descobriu-se, cruzou os braços e ficou de mão no queixo a contemplar aquele triste fim. (LOBATO, 2016)

Emília, com toda a sua sabedoria, no fim desse mesmo capítulo, diz para Pedrinho se despedir de Visconde antes de deixarem o local. O menino responde: “– Que ideia! Pois o Visconde não morreu, Emília? – Morreu mas não acabou ainda! – replicou a boneca, correndo na direção dele com o resto do Visconde na mão. – Despeça-se deste toco, que é bem capaz de virar gente outra vez” (LOBATO, 2016). E é exatamente isso que ocorre em outro livro do Sítio do Picapau Amarelo, *Viagem ao céu*. E ainda vemos Lobato colocar todas as suas emoções em outro livro, *A chave do tamanho*, lançado em 1942. “Recém-saído de uma prisão e sob o efeito da dor de perder um filho, além das traumáticas emoções da Segunda Guerra Mundial, a que ninguém, com sensibilidade, poderia ficar indiferente” (CARVALHO, 1989), escreve mesmo assim uma obra primorosa com a qual consegue agradar muitas crianças, embora a partir de um acontecimento trágico. Bárbara Vasconcelos de Carvalho, em *A literatura infantil – visão histórica e crítica*, afirma que: “Perguntando a alunos de 4º série, que acharam do livro, a maioria classificou-o de cômico, e o restante, de uma estória fantástica”. Como podemos ver, alguns temas passam, de certa maneira, despercebidos para as crianças.

Depois da visibilidade que Monteiro Lobato deu à criança, a literatura infantil ganhou outro olhar no Brasil. Autores começaram a se arriscar na escrita para crianças e muitas obras estrangeiras começaram a ser traduzidas, como o próprio Lobato fez com as obras de Grimm, Andersen e Perrault.

Destaco aqui também a importância de Alexina de Magalhães Pinto, “a primeira autora a indicar uma Biblioteca para a infância no Brasil, ou seja, a relação de livros mínimos que se deveria dar aos meninos para lerem” (ARROYO, 2011). Os livros que faziam parte dessa biblioteca eram: *João Felpudo*, *O menino verde*, *Viagem numa casquinha de noz*, *Aves do Brasil*, *Mamíferos do Brasil*, *Aventuras de Hilário*, *Cristóvão Colombo*, *Ride comigo*, *O anjo da guarda*, *João Patusco*, *O que vem agora*, *Chapéu preto*, *Para todos* e *Eu sei ler*, *Os irmãos de Pedro Ouriçado*, *A baratinha e Álbum de gravuras*, *Juca e Chico* e *Alfabeto ilustrado*. Ainda indicou poesias de Olavo Bilac, *Poesias infantis*, de Zalina Rolim, *O livro das crianças*, e, de Pinheiro, *Musa das escolas*. Podemos perceber que os gêneros e assuntos tratados são diversos e que havia uma preocupação sobre o que dar para a criança ler fora da escola. Isso em 1917.

Ao longo dos anos, foram surgindo muitos autores que se arriscaram na literatura infantil, como Erico Verissimo, Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Maria José Dupré, Cecília Meireles, entre outros.

Mas Monteiro Lobato valorizava outro aspecto do livro: ele não se preocupava somente com a escrita para a criança, mas também com as ilustrações que acompanhavam suas histórias, e até utilizava imagens de amigos para colocar em seus livros, como relata Arroyo:

[...] esse realismo ia além, para valer inclusive nas ilustrações de suas estórias. O fato está documentado em muitas de suas cartas... acusava o recebimento de um retrato de um menino pescando uma botina velha e informava que já havia remetido o retrato para um dos ilustradores de seus livros para aproveitar a imagem na ilustração. Era comum em Monteiro Lobato o aproveitamento de retratos de amigos seus para ilustrações... ‘A Emília vive se queixando dos desenhistas, que nunca pintam como ela é’. (ARROYO, 2011)

Mais adiante, chegaram até nós os “álbuns de gravuras, destinados aos pequeninos, e que representam uma comunicação visual – pelo desenho – anterior às letras, são também casos especiais” (MEIRELLES, 2016), com os quais os pequeninos começaram a ganhar autonomia no explorar esse objeto e na sua leitura, sem necessariamente depender de um adulto.

Mas não podemos nos esquecer de que os livros infantis são feitos por adultos e que são eles que transmitem seus pontos de vista sobre diversos assuntos que consideram úteis para o desenvolvimento dos pequenos. O filósofo Michel de Montaigne já nos chamava a atenção, no século XVI, para esse fato: “‘tudo se submeterá ao exame da criança e nada se lhe enfiará na cabeça por simples autoridade ou crédito’, pois ‘a verdade e a razão são comuns a todos e não pertencem mais a quem diz primeiro do que ao que as diz depois’” (ARROYO, 2011).

Como Lobato trazia duas novidades – temas e linguagens –, ao longo das décadas outros autores passaram a seguir seu modo de escrita ou, pelo menos, confrontar por meio das histórias questões complexas até mesmo no meio escolar. Viriato Correia, por exemplo, em 1938 publicou *Cazuza*, um livro escrito em forma de memórias retratando

a sociedade rural e urbana, em que constrói uma narrativa crítica com relação às escolas, mostrando o lado cruel e autoritário dessa instituição, e ao paternalismo, afirmando ser “a única forma eficiente de a classe burguesa lidar com os indivíduos das classes menos privilegiadas e com os desequilíbrios e os preconceitos vigentes na sociedade” (MACHENS, 2009). Muitos outros autores também denunciaram em suas histórias a vida burguesa da época – uma classe mais favorecida que passava as férias em paisagens rurais.

Chamo atenção também para a literatura escrita na época da ditadura militar no Brasil, quando as atitudes políticas da época se refletiram nas produções culturais e artísticas. As obras que surgiram na época seguiam uma atitude conformista, “onde a criança é induzida a aceitar passivamente as regras, ideias e valores do meio onde vive, por exemplo, menina não pode ser travessa, não pode subir em árvores, tem de ser boazinha, menino que é macho não chora etc.” (MACHENS, 2009).

Nessa época, surgiu um importante meio de leitura para as crianças, a *Revista Recreio*, levantando essa questão da escrita pós-Lobato, contestando a pedagogia, preocupando-se com o conteúdo e os valores que eram passados. Ela rompeu com diversas questões, como o conformismo, a obediência, a submissão à autoridade, a dominação do mais fraco pelo mais forte, o modelo de criança comportada, o texto moralizante e o patriarcalismo. Na época da ditadura, a palavra liberdade não era muito bem vista, mas foi utilizada pela *Recreio* como um ponto positivo e agregador no auxílio à ruptura com o autoritarismo. Maria Lucia Machens, em *Ruptura e subversão na literatura para crianças*, afirma que: “É fundamental expressar ideias e emoções que geralmente não se aprovam, desafiar as tradições estabelecidas, desobedecer às autoridades; e a *Recreio* lança autores cujo texto é libertário e comprometido com mudanças e diversidades, com o respeito pelas diferenças e que desperta uma consciência coletiva da criança”.

Então, voltando um pouco à citação de Montaigne, vemos que a criança, ao ouvir uma história ou ler um livro, em um pequeno período de tempo determina se aquilo que ouviu ou leu está dentro de seu mundo, ou melhor, se lhe diz algo ou a faz sentir alguma coisa. Ela pode ou não vestir a camisa do personagem, se identificar com os sentimentos expressados por aquela história – independentemente de um adulto lhe dizer se os fatos ocorridos são verdadeiros ou não. Talvez a criança não saiba expressar em palavras o que aprende com determinada história, mas podemos perceber em seus gestos se o livro lhe passou bondade, paciência, compaixão, humildade, tristeza, alegria, raiva ou qualquer outra virtude ou sentimento contido naquela história.

A *Revista Recreio* mudou a literatura infantil, principalmente porque começou a pensar em uma literatura voltada para todos e não só para a criança, como afirma Ana Maria Machado em um artigo publicado pela PUC/Rio em 1981:

Literatura infantil não é aquela que se destina exclusivamente a ser lida pelas crianças, mas sim aquela que poder ser lida também pelas crianças. Mas que, e isso nos parece óbvio, antes de mais nada deve ser literatura e, como tal, capaz de ser fruída e apreciada

pelos leitores em geral. E, logicamente, estudada nas universidades e examinada pela crítica lado a lado com a literatura sem adjetivos (no fundo, área mais restrita do que a literatura infantil, porque só pode ser lida pelos adultos, enquanto a outra está ao alcance de todos).

No entanto, não é isso que ocorre. Em geral a literatura infantil mal chega a ser considerada nas resenhas literárias feitas na imprensa. Mais ainda: na maioria dos casos, a universidade insiste em ignorá-la, mesmo nos cursos específicos que deveriam tratar dela, como letras, educação, biblioteconomia [...]. (MACHENS, 2009)

Com essa visibilidade que a *Revista Recreio* trouxe para o universo infantil, muitos autores surgiram, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Silvia Orthof, Flávio de Souza, Sonia Robatto e Marina Colasanti.

Alguns deles já na época da revista tocaram em assuntos entendidos como delicados, como Ana Maria Machado, que escreveu sobre separação em *Um pra lá, outro pra cá*, sobre morte em *Fiapo de trapo*, violência contra a criança em *Um Natal que não termina*, sobre a opção da luta armada como forma de resistência à ditadura em *Jararaca, Perereca e Tiririca*. Flávio de Souza, em *Uma história diferente*, discorre sobre a questão de o homem não poder chorar e mostra como é difícil lidar com os sentimentos de perda e tristeza e quanta angústia uma pessoa tem que suportar por não poder colocar seus sentimentos para fora por meio do choro. Sonia Robatto também nos fala do conflito com a dor, mas em relação à criança abandonada, rejeitada com a chegada de um bebê na família, em *Aventuras e desventuras de Gigi*.

Se esses temas difíceis são tratados há muito tempo com as crianças na literatura, por que outros como perda, separação e morte ainda hoje são mantidos distantes da leitura do dia a dia por pais e professores? Por que são tratados apenas em situações de emergência ou por profissionais da área de saúde?

Será mais fácil, caso a criança passe por uma situação de perda, lidar com a situação, ou com as emoções? Muito provavelmente não, mas já existirá um canal de conversa aberto sobre o tema se ele já tiver sido abordado anteriormente. Entender as emoções poderá ser mais fácil se a criança se lembrar do personagem que passou por situação parecida, se ela sentir a verossimilhança com que a situação foi retratada no texto.

Rubem Alves colocava isso em seus textos, abordando esses temas com pais e suas crianças na década de 1980. Na coleção *Estórias para pequenos e grandes*, da Editora Paulinas, e em outras histórias pelas Edições Loyola, o autor falava sobre morte, separação, mudanças, entre outros temas considerados até hoje difíceis de serem tratados com os pequenos. Antes de iniciar a história, ele fazia um texto introdutório para o adulto que faria a leitura para a criança:

Para o adulto que for ler esta estória para uma criança:

Esta é uma história sobre separação: quando duas pessoas que se amam têm que dizer adeus...

Depois do adeus fica aquele vazio imenso: saudade.

Tudo se enche com a presença de uma ausência.

*Ah! Como seria bom se não houvesse despedidas...
 Alguns chegam a pensar em trancar em gaiolas aqueles a quem amam.
 Para que sejam deles, para sempre...
 Para que não haja mais partidas...
 Poucos sabem, entretanto, que é a saudade que torna encantadas as pessoas. A saudade
 faz crescer o desejo. E quando o desejo cresce, preparam-se os abraços.*

*Esta estória, eu não a inventei.
 Fiquei triste vendo a tristeza de uma criança que chorava uma despedida... E a estória
 simplesmente apareceu dentro de mim, quase pronta.
 Para quê uma estória?
 Quem não compreende pensa que é para divertir.
 Mas não é isto.
 É que elas têm o poder de transfigurar o cotidiano.
 Elas chamam as angústias pelos seus nomes e dizem o medo em canções.
 Com isto angústias e medos ficam mais mansos,
 Claro que são para as crianças.
 Especialmente aquelas que moram dentro de nós, e têm medo da solidão. (ALVES, 1999)*

Da mesma maneira se coloca o autor e ilustrador Ricardo Azevedo, autor e ilustrador, em uma entrevista para Heloísa Iaconis para o site do Itaú Cultural. Quando ela o questiona se “há algum assunto que não possa ser dito para uma criança”, Ricardo cita versões da *Branca de Neve* nas quais ela manda matar a própria mãe, e de *João e Maria* em que eles são abandonados no mato pelos pais, mostrando esses personagens de outra maneira, diferente daquela com que costumam ser retratados. E diz que tudo é questão de como se coloca para a criança, do tom com que é falado. Isso, sim, determinará se o livro é acessível ou não para uma criança.

A autora Clarice Lispector também não fazia concessões ao leitor, não importava a idade. Em *A mulher que matou os peixes*, lançado em 1968, a autora começa confessando o “crime” que cometeu sem querer. Explica como tudo aconteceu de maneira afetuosa e até irônica, mas deixando que a criança decida se a perdoa pelo ato trágico. Desde o início do livro, ela diz que sempre gostou de animais, que nunca teve problemas com eles, mas elenca uma série de histórias pessoais em que os bichos morrem. Fala de maneira sincera sobre a dor da perda, e explica que, às vezes, as coisas não acontecem da maneira que queremos.

O QUE PERCEBI COM A MORTE NOS LIVROS

De repente, em meio a um passeio da vida, somos atropelados por uma coisa brutamontes e ficamos sem entender de onde veio e principalmente como lidar com essa tonelada que nos atravessa.

A coisa brutamontes foi a expressão escolhida pela autora Renata Penzani para seu primeiro livro infantojuvenil, em que uma morte conduz todo o enredo. Tão forte é o termo que virou nome do livro e tomei para mim a expressão quando, no meio do caminho deste estudo, precisei lidar com a perda da mãe de uma amiga muito querida. Uma perda completamente inesperada e que me fez fugir das leituras e da escrita por um breve momento. Ao retomar o processo, senti que, como adulta, não convivo bem com a morte, e fiquei imaginando o que uma criança pensa, sente e como lida com todas essas emoções estranhas. Foi Cícero, o protagonista do livro de Renata, que dividiu comigo um segredo:

Quando Dona Maria morreu, me falavam de tudo um pouco, distribuía exaustos e falas inteiras sobre um lugar melhor que eu nunca conheci. Queriam que eu estivesse bem, que soubesse, mesmo com 11 anos, que as coisas amadas nunca acabam. Que a gente, sendo criança ou adulto, nunca termina de crescer. Isso tudo, não sei se me contaram, ou se fui eu que entendi sozinho. (PENZANI, 2018)

Juliana Venduscolo, da Universidade Paulista em Ribeirão Preto, diz o quanto é importante abordar esse assunto com os pequenos:

[...] A certeza da morte é um dado que perpassa a nossa concepção sobre o homem. Segundo o filósofo Heidegger somos seres para a morte, e a vivência do tempo em harmonia circular do passado presente e futuro constitui o sentido do nosso existir. Entretanto, essas reflexões parecem não nos respaldar, em um primeiro instante, quando vemos associados os termos morte e criança. Tais palavras parecem contraditórias. É como se a morte não se ocupasse da vida na infância em nenhuma forma de aproximação – pela morte da própria criança, pela perda de alguém próximo da convivência, ou de um bichinho de estimação ou até mesmo pelas imagens de TV e jogos infantis. Essa concepção errônea favorece atitudes inadequadas dos adultos com as crianças que vivenciam situações relacionadas à morte, tais como: evitar o assunto, minimizar o sofrimento que eles próprios estão sentindo para poupar a criança, utilizando eufemismos que confundem ainda mais a criança e até mesmo a criação de mentiras que venham substituir a situação que envolve a morte.

Outro livro que não sai de mim desde que o li pela primeira vez é *O Passeio*, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo. Para esta discussão, fui me lembrando do impacto que as pessoas tiveram ao ler o livro na livraria onde trabalho. A obra fica exposta na prateleira, em uma parte um pouco mais alta, com a capa voltada para a frente. A grande maioria dos adultos pega o livro pela beleza da capa, que traz duas pessoas, um senhor e uma criança, andando de bicicleta e o título em destaque entre os dois personagens. Observo que, ao virarem página por página, a emoção fica evidente. Todos se encantam com a beleza do texto, da imagem e do projeto gráfico. Alguns

ficam tão tocados que dizem que não é um livro para criança. Na história, o leitor acompanha um pai e uma filha caminhando de bicicleta mas, ao longo do trajeto, percebemos que se trata de uma metáfora do ciclo da vida.

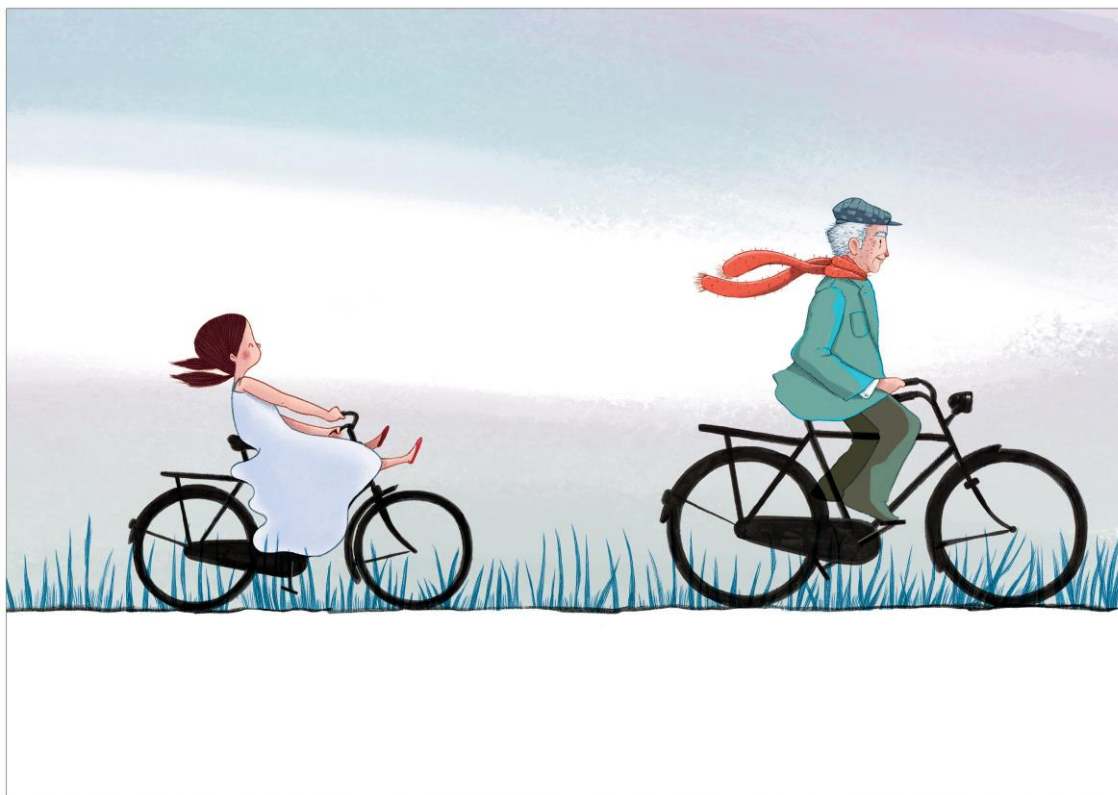


Figura 1: Imagem de capa do livro *O Passeio*, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo

Em uma conversa com o escritor Pablo Lugones e com o ilustrador Alexandre Rampazo sobre a concepção do livro, eles me contaram como surgiu a ideia e como foram trabalhadas as imagens. Pablo revelou que, em uma viagem para visitar a família em Buenos Aires, em meados de 2016, estava em um parque com a sobrinha de 5 anos que o convidou para apostar uma corrida. Ele topou a brincadeira e se divertiu com a sobrinha, deixando, claro, que ela vencesse. Mas quando voltou para o Brasil refletiu sobre o fato de o adulto sempre deixar a criança ganhar, e começou a imaginar uma corrida diferente. “Um pai toparia o desafio da filha – ela de patins, ele correndo. Ele a passaria e, enquanto fizesse isso, a provocaria com uma fala ou um gesto. A menina logo faria o mesmo e assim até os dois cansarem. Essa foi a primeira ideia. Só imagens, sem texto. Só na minha cabeça.” Depois de um tempo, começou a colocar a ideia no papel: “A menina começaria de patins; o pai entraria em cena pedalando uma bicicleta e passaria a filha; ela logo apareceria montando um cavalo pequeno e passaria ele; e o pai passaria em uma moto...”, fazendo da história uma corrida de veículos entre pai e filha. Um dia, imaginou pai e filha envelhecendo ao longo da corrida, até que “o pai desapareceria no céu escuro sendo passageiro de um avião. A cena final seria a filha sentada no jardim”.

Pablo pesquisou alguns ilustradores e se lembrou do trabalho de Alexandre Rampazo. Embora não o conhecesse pessoalmente, resolveu entrar em contato e o ilustrador topou ler o texto. Fizeram uma conversa por Skype, acertaram alguns pontos e Alexandre começou a pensar no livro como um todo.

Uma das primeiras observações que Alexandre fez foi sobre a ideia da corrida, apontando que, da maneira como estava sendo contada, ficaria restrita a uma disputa entre pai e filha. Para ele, a história iria muito além disso, pois a metáfora de “andar de bicicleta sozinho” e a ideia de “seguir com as próprias pernas” são muito simbólicas. A partir daí, Alexandre começou a pensar como criaria o livro graficamente. Preocupado em como solucionar a questão da passagem do tempo, primeiro pensou na possibilidade de usar sobreposição de páginas transparentes. Mas essa é uma opção custosa, e ainda havia o desafio de provocar uma narrativa fluida, que não poderia se tornar uma leitura monótona. Foi então que decidiu horizontalizar o livro, para, ao virar de páginas, criar a ilusão de movimento das rodas da bicicleta e da passagem do tempo de vida de cada personagem. Ele explica:

Eu poderia brincar graficamente com os extremos de você ter um livro mais horizontalizado e, quando você abre, ele fica maior ainda. Aquela lei da frontalidade que havia nos egípcios de você ter um ângulo de visão dos personagens e estarem passando na sua frente, de uma extremidade a outra, da esquerda para a extremidade direita. Quase como se fosse uma animação. Mas também pensei que poderia ficar monótono só dessa forma, em alguns momentos da narrativa poderia explorar o meio e os extremos da página, um olhar quase teatral, como se fosse um palco e você pudesse observar os personagens sempre desse mesmo ângulo, com uma câmera parada, e que a ação desse movimento das bicicletas acontecesse na frente dos seus olhos. Quando digo explorar o meio do livro graficamente é, por exemplo, na cena em que o livro diz: “Às vezes, a distância entre nós podia aumentar. Isso era natural”. A cena fica em perspectiva e a menina que passou por ele sai desse ponto de fuga e vai para fora da página. O que fiz foi explorar o formato e oferecer ao leitor essa perspectiva diferente.

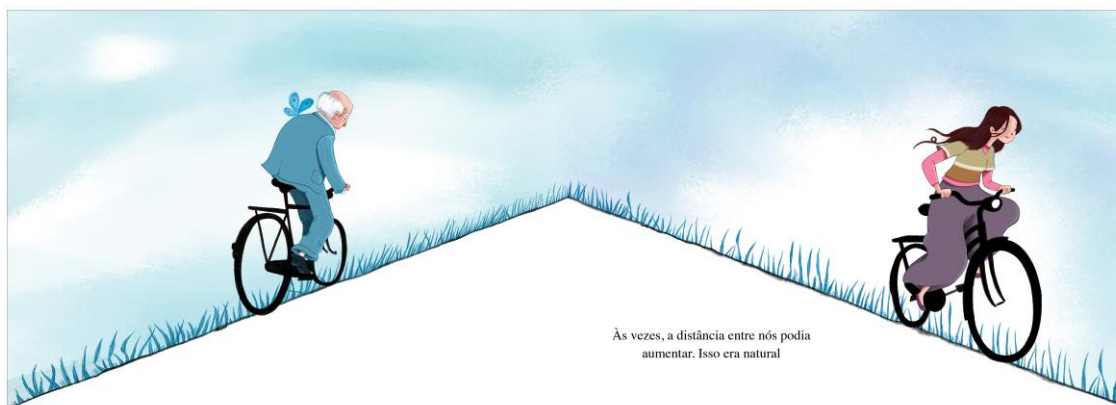


Figura 2: Imagem de página do miolo do livro *O Passeio*

Outra coisa que Alexandre destaca é a presença da borboleta, símbolo de transformação. Ela brinca com os dois personagens e, a cada virar de página, está em

um lugar diferente, também atuando na passagem do tempo. No momento em que a borboleta pousa na mão do pai, Alexandre dá indícios para o leitor de que algo vai mudar. E é essa mesma borboleta que chama a atenção da menina e a traz para o caminho que ainda tem a percorrer, conduzindo-a, assim como fez o pai.

Alexandre e Pablo veem essa história como um grande ciclo da vida. Mostra para nós, leitores, que em todo o percurso da vida dos dois personagens houve troca de afeto, olhares amorosos, cumplicidade e ensinamento de ambos a cada passagem de tempo, ou melhor, a cada virada de página.

Ao ver essa relação de afeto nos livros que abordam a morte, percebo o quanto a literatura pode auxiliar no crescimento emocional da criança. Lucélia Elisabeth Paiva, psicóloga com atuação clínica, hospitalar e educacional, em situação de crise e emergência, morte, perdas e luto há mais de 20 anos, coloca em seu doutorado, *A arte de falar da morte: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*, o quanto a literatura pode ajudar, mas ainda é marginalizada quando traz como tema a morte. No início de seu doutorado, relata uma experiência pessoal: estava com as filhas em uma livraria em São Paulo, e de repente uma delas, Juliana, encontrou um livro que poderia interessar à mãe, pois falava sobre morte. O livro é *Sadako e os mil pássaros de papel* (COERR, 2004).

O livro baseia-se na história verídica de Sadako, uma menina vigorosa e atlética, nascida em Hiroshima, que contraiu leucemia, decorrente dos efeitos tardios da radiação da bomba atômica. Aborda o diagnóstico, o tratamento e a morte da menina, assim como o desenvolvimento de familiares e amigos durante o tratamento após sua morte. Com muita sensibilidade, essa história nos traz a lenda japonesa dos pássaros de papel (tsuru), que diz que, se uma pessoa doente dobrar mil pássaros, os deuses lhe concederão a graça de ter seu desejo atendido e a tornarão saudável novamente. O livro descreve como a menina enfrentou sua doença e tratamento até sua morte e como seus familiares e amigos fecharam um ciclo na elaboração do luto. (PAIVA, 2011)

Mais tarde, sua filha diz que deseja levar o livro para a escola e mostrar para a professora, e ainda afirma que o assunto poderia abranger várias disciplinas, por se tratar de uma história verídica, com o impacto de um fato histórico. Depois de um tempo, Juliana retorna desapontada e relata: “A professora disse que o livro é bom, bonito, mas não poderia ser adotado, pois era muito triste. A menina morre no final” e a filha, indignada, questiona a mãe: “Por que não se fala das coisas tristes, se elas existem? Será que se falássemos dessas coisas não seria mais fácil enfrentá-las, pensar em soluções?”.

E é exatamente isso que questiono, quando tenho abertura, com os clientes da livraria que dizem que determinados livros não são para crianças. Por que não são? Crianças não passam por dificuldades? Não é importante para o crescimento emocional a criança lidar de maneira clara com determinados assuntos? Em uma ocasião na livraria, uma senhora chegou procurando um livro para seu neto de 2 anos. Mostrei um livro cartonado, interativo, que falava sobre bombeiros, combate a incêndio, salvamento

de pessoas em acidentes, coisas corriqueiras do dia a dia desses profissionais. A reação da cliente foi completamente negativa, recusando-se a dar o livro para o neto, ou para qualquer outra criança, afirmando que aquele não era um livro para crianças, pois elas não precisavam ver essas tragédias tão cedo.

Como mostrar para os adultos que a resistência muitas vezes é deles? Que a criança vai lidar com aquela leitura com o repertório que ela tem? Como é o caso do meu sobrinho, João Pedro, que aos 2 anos teve contato com *O Passeio* e, observando somente as ilustrações, sem ninguém ler o texto para ele, questionou sua mãe: “Cadê o vovô?”. Minha irmã devolveu a pergunta: “Aonde você acha que o vovô foi?” e ele respondeu: “Não tá mais aqui”. Para ele, não há a identificação com a morte, mas uma ausência; ele percebe que algo ocorreu, se questiona e segue a leitura, fecha o livro e vai brincar.

Precisamos perceber que diariamente lidamos com pequenas perdas e seguimos em frente. Nossas crianças são separadas dos pais muito cedo: em torno dos 6 meses de idade, vão para berçários ao término da licença-maternidade ou ficam com babás. Essa separação gera desconforto tanto na mãe quanto nas crianças. Durante o crescimento, por quantas outras separações, frustrações, tristezas uma criança não passará?

Essas questões também são levantadas por Lucélia, que diz:

Ao longo da infância, a criança, muitas vezes, se depara não só com a morte de seu bichinho de estimação ou de uma pessoa importante, mas também com a separação dos pais (morte de uma família constituída), a dor da diferença (sofrimento decorrente do fato de ser diferente) ou a impossibilidade de conseguir algo. Tais frustrações, dores, perdas e mortes provocam sofrimento e dores psíquicas e, algumas vezes, levam a mudanças e reformulações na vida da criança.

Portanto, parto da premissa de que, com adultos que saibam compreender essas várias mortes, provavelmente a criança estaria mais preparada para enfrentar perdas. Além disso, poderia elaborar o processo de luto com mais facilidade e, provavelmente, também conseguiria se relacionar melhor com as situações inevitáveis, sendo capaz de encarar a morte como algo que faz parte do processo de viver.

O processo de luto para as crianças é o mesmo pelo qual o adulto passa, mas sua duração é subjetiva, já que a noção de tempo para a criança ainda não é bem definida. Mais uma vez os livros podem auxiliar nesse entendimento das emoções. Insegurança, abandono, medo de perder o ente querido, culpa, raiva, rejeição, fantasiar o retorno da pessoa que se foi são alguns dos sentimentos que podemos ter durante o luto, e ainda pouco conhecidos pelos pequenos (PAIVA, 2011).

Então, precisamos ter coragem de romper com nossas barreiras emocionais e encarar os livros tristes desde cedo com os pequenos, para que assim eles possam aos poucos construir seu repertório emocional e se sentir à vontade para conversar sobre seus sentimentos sem medo nem tabu, tornando-se, assim, mais seguros.

Muitos especialistas defendem a importância dessa conversa com as crianças. Lucélia afirma que a conversa franca com a criança é o melhor caminho, pois ela está disposta a saber a verdade sobre a morte e indaga o adulto de várias maneiras. A autora cita Ricardo Azevedo, autor e ilustrador que afirma em *Contos de enganar a morte*:

[...] falar sobre a morte com a criança não significa entrar em altas especulações ideológicas, abstratas e metafísicas nem em detalhes assustadores e macabros. Refiro-me a simplesmente colocar o assunto em pauta. Que ele esteja presente, através de textos e imagens, simbolicamente, na vida da criança. Que não seja mais ignorado. Isso nada tem a ver com depressão, morbidez ou falta de esperança. Ao contrário, a morte pode ser vista, e é isso que ela é, como uma referência concreta e fundamental para a construção do significado da vida.

Cecília Meireles nos chama atenção sobre a preferência da criança e sobre o quanto nós adultos acreditamos ter sempre razão. Segundo a autora, a criança sempre nos dará indícios sobre se a leitura lhe interessa ou não:

Uma das complicações iniciais é saber-se o que há, de criança, no adulto, para poder comunicar-se com a infância, e o que há de adulto, na criança, para poder aceitar o que os adultos lhe oferecem. Saber-se, também, se os adultos sempre tem razão, se, às vezes, não estão servindo a preconceitos; se a criança não é mais arguta, e, sobretudo, mais poética do que geralmente se imagina... Por isso, em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo a crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará, pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não. (MEIRELES, 2016)

Ou seja, precisamos olhar a criança de outra maneira, deixá-la falar. E, quando digo isso, não é só pela fala, mas pelos gestos de aceitação ou rejeição a determinado livro. Portanto, é abrir-se à escuta. Quando vejo adultos comprando livros que falam sobre morte para dar de presente aos seus filhos – mesmo que algumas vezes esses filhos já sejam adultos – dizendo que ali encontraram a poesia do afeto de que precisavam, percebo o quanto a literatura é fundamental.

Em uma conversa com Natalia Felix de Carvalho Noguchi, psicóloga, analista de projetos sociais na Fundação Itaú Cultural, mediadora de leitura da mesma Fundação e mãe de Nina há três meses, ela me relatou que não se lembrava de nenhum título específico que abordasse a morte, ao longo de sua infância. Ao participar de uma formação em mediação de leitura em 2018, foi convidada a escolher um livro e usou o critério que sempre usava para comprar seus livros infantis, mesmo antes do nascimento de sua filha: pelas “imagens lindas”. Foi direto a um livro, do qual infelizmente não recorda o nome, que contava a história de uma menina que perde a avó, e ficou impactada ao ver esse tema em um livro infantil. Assim como a menina do livro, Natalia também perdeu a avó e foi fortemente impactada por essa perda. “Quando minha avó faleceu, era a pessoa que eu mais amava no mundo, eu achei que não ia sobreviver.

Uma das coisas que mais me ajudaram foram os textos sobre morte da Eliane Brum e alguns livros do Mia Couto.”

Em seu trabalho, Natalia lida com livros sobre morte, inclusive no processo de formação presencial, onde há uma dedicação à abordagem de temas difíceis. Na formação de mediadores, ela explica que o acervo é exposto e pedem para as pessoas escolherem um livro, separam em pequenos grupos e realizam a mediação. Relata que “sempre tem choro, tem gente que não se conforma e que acha ruim. Porque esses livros deixam o povo assustado. Ao ler, a gente entra em contato com emoções das quais a maioria das pessoas não quer chegar perto e acha a maior bobagem falar disso com criança... Mas é puro medo de entrar em contato. Eu tinha a mesma ideia do senso comum... só queria final feliz. Mas realmente, como psicóloga, vejo um superpotencial nas histórias pra nos ajudar a elaborar”. Quando questionei Natalia sobre a leitura de livros sobre morte para a filha, Nina, ela afirmou que ainda não leu muita coisa para ela: “Na gestação, sempre li contos sobre mulheres, mas não eram temas difíceis. Depois que ela nasceu, só li Manoel de Barros. Confesso: não seria minha primeira escolha, acredita? Escolheria mais facilmente no trabalho. Na vida, não sei... E pensando na Nina... você me pegou! Vou pensar sobre isso. Dá até uma vergonha... Mas foi uma boa cutucada”.

Nunca estamos preparados para esse tipo de leitura, ainda mais se for para nossos filhos. Eu mesma nunca li com o Miguel livros sobre esses temas, como abordei no início do artigo, mas hoje vejo a importância que eles têm no entendimento e desenvolvimento emocional da criança.

Lidar com o assunto de maneira clara e sincera é o que Ana Paula Lopes, professora do Colégio Hebraico-Brasileiro Renascença, faz com seus alunos na escola ao realizar a leitura de textos considerados espinhosos para crianças de 8 a 10 anos. Ela não foge do tema. Contou-me que, quando leu um livro que fala de diferentes tipos de família, inclusive aquelas em que os pais são separados, a reação das crianças foi muito interessante, “pois as crianças se colocaram, e a maioria que tinha pais separados quis se colocar, colocar o que sentia, e foi bem interessante”. Quando lhe perguntei sobre a abordagem com livros que falam de morte, respondeu: “Outro dia eu apresentei para eles o livro *O Passeio*. Gostei tanto, mexeu tanto comigo que eu mostrei para eles. Esse é um dos temas (morte) que o livro traz. Acho que não foi tão marcante quanto o caso da separação dos pais, pois acredito que aquele tema estava mais vivo na minha classe. Mas eles me perguntaram se tinha relação com a morte, porque eu conto da minha mãe, que já é falecida, então acabei trabalhando um pouco, sim. Em todas as discussões dos livros, de tudo que eles trazem, eu sou sempre muito franca e, durante a discussão do tema abordado nos livros, procuro trabalhar da maneira mais real possível”.

Também sensível a essa franqueza a que Ana Paula se refere, a equipe da editora paulistana Pulo do Gato não hesita em ter em seu catálogo vários livros sobre assuntos delicados, considerados espinhosos para a maioria dos pais e professores. Em seu catálogo, Márcia Leite, editora de livros para crianças e jovens, autora e educadora, e

Leonardo Chianca, revisor, preparador, editor, coordenador, gerente de projetos e autor de livros para crianças e jovens, deixam clara a importância de abordar todos os temas com as crianças: “Preferimos publicar obras que transformem em vez das que acomodem. Livros que possam fazer a diferença no repertório do leitor”. Como, por exemplo, *Roupa de brincar*, de Eliandro Rocha com ilustrações de Elma, e *O sol se põe na tinturaria de Yamada*, de Claudio Fragata e Raquel Matsushita. Em ambos, o tema da morte está presente. No primeiro, na inquietação da sobrinha ao descobrir por que repentinamente a tia, que sempre vestia roupas coloridas, agora só usava preto (sabemos pela história que a tia ficou viúva e muito triste e é isso que a criança-personagem percebe). No segundo, na relação de afeto entre o tintureiro Yamada e seu neto. No enredo, o avô ensina à criança uma canção de sua infância e, de maneira poética e emocionante, o leitor percebe que na hora em que o menino aprende a música, o avô se despede da vida, de forma serena e em paz com a continuidade de seu legado.

Sobre esse assunto, são levantadas várias questões, principalmente em relação à idade para abordar determinados temas, como já colocamos aqui. Os editores da Pulo do Gato afirmam que: “Mesmo que a criança não tenha idade para compreender o sentido do texto, ainda assim ela conseguirá ser afetada pela percepção e pelas sensações provocadas durante essa vivência. Enquanto ouve a história, a criança também ‘lê’ o adulto, suas expressões faciais, suas entonações, o ritmo, o tom da voz, a parada de respirações. Leitura e construção de laços de afetos andam de mãos dadas na primeira infância e prosseguem assim nos outros períodos da vida quando bem cultivados”.

O mais importante, pelo menos para mim, é quando Márcia e Leonardo afirmam que a leitura de temas que abordam as condições humanas, como perda, superação, refúgio, adaptação, conflitos sociais, guerras, entre outros, provoca no leitor a construção de um sentimento pouco falado por aqui que é a empatia: “Podemos afirmar que a literatura para crianças e jovens (na verdade, para qualquer leitor) na escola e fora dela, favorece a construção dos processos de autoconhecimento e de empatia – conhecer melhor a si mesmo e ao outro, colocar-se no lugar de alguém diferente, pensar o mundo com várias lentes, por vários pontos de vista, sem precisar sair do lugar. Para nós, a literatura é a arte da humanização. Para nós, a literatura é a arte da empatia e da humanização”.

Vemos que os livros trazem para os pequenos uma consciência de acontecimentos que são naturais, que podem ou não já ter ocorrido com eles e que de certa maneira os faz refletir dentro de seu conhecimento, de acordo com idade e vivência, somando “a suas experiências exteriores, para prepará-los para um viver mais pleno” (COELHO, 2016).

Essa naturalidade está em muitos livros que são produzidos hoje, que falam com poesia, com o coração, e tocam delicadamente em assuntos dos quais muitas vezes fugimos.

Foi o que aconteceu na casa de Aline Iozzi, professora e mãe de dois filhos, Lívia, de 11 anos, e Guilherme, de 6. Ela me contou que o livro *O Passeio* chegou e deu um

sentido muito especial para os três, principalmente para Guilherme, que construiu um laço afetivo com o livro.

Aline faz o curso *O Livro para a Infância* na Casa Tombada, assim como eu, e, quando conheceu *O Passeio*, o que mais queria era apresentar o livro para os filhos. Em uma tarde de sábado, foi com eles a uma livraria infantil e lá encontrou o livro. Não teve dúvidas: comprou e levou para casa para ler com as crianças antes de dormir. Como estava estudando narrativas em livro ilustrado, ela queria ver como iriam perceber as ilustrações, o texto, e como esses elementos conversavam, condição primeira desse gênero literário. Aos poucos, foi abrindo o livro e deixando que as crianças vissem os detalhes com calma. Aos poucos, foi percebendo também o encantamento delas com as ilustrações. Guilherme ficou encantado com a borboleta: “É mágico”, definiu ele. Observaram o movimento das bicicletas: ora uma estava na frente, ora outra; em determinada página, só aparecia uma parte da bicicleta, e assim foram explorando cada virar de página do livro. Até que percebeu que Guilherme resistia em fechar a última página. Parecia dolorido. Chorou muito e percebeu a perda. Mas, ao mesmo tempo, ficou maravilhado ao ver que a história anunciava um recomeço. Foi a mensagem que ficou para ele depois.

O livro veio a calhar na vida desses três. Aline perdeu o padrasto há um ano, e ele era um avô incrível para as crianças, muito amoroso. Ela percebeu que o livro acolheu o menino. Para ela, foi importante para ele “perceber que pode sempre recomeçar, que a história não acaba, que a vida continua e que outras coisas bonitas e maravilhosas podem acontecer, embora a gente esteja sofrendo, sentindo saudade e a perda”. De tempos em tempos, Guilherme pede para reler *O passeio*: é a maneira que ele encontrou de se reconectar ao avô.

O QUE FICA DESSE PASSEIO

A história da literatura infantil no Brasil é muito recente e temos muito a aprender com sua trajetória. Pais, escolas e crianças ampliam sua visão por meio dessa arte. Mas é fundamental que paremos de subestimar o entendimento de nossas crianças em relação à literatura. Aprender que “coisa brutamontes” também faz parte do nosso “passeio”.

A literatura pode abrir caminhos para o diálogo com os pequenos e com os maiores também. Por meio das histórias, podemos ajudá-los a compreender tanto as alegrias quanto as tragédias que enfrentamos em nosso dia a dia. Barragens que se rompem e levam pais, mães, filhos. Adolescentes que são assassinados na escola por outros adolescentes. Chuvas que devastam cidades e levam seus familiares. A tristeza de um pai ou de uma mãe no ambiente familiar. Como lidar com tudo isso sem a literatura? Acredito que seja um caminho mais complicado e doloroso. Afinal de contas, as histórias nasceram com o homem. Começaram a ser contadas em volta das fogueiras como uma forma de ensinamento, uma forma de compartilhar experiências com a comunidade na qual viviam. Com o tempo, essas histórias foram recolhidas e colocadas no papel, em forma de manuscritos e posteriormente livros, e muitas delas ainda fazem parte do nosso repertório.

A pesquisadora Bárbara de Carvalho, no livro *A literatura infantil*, afirma que, ao ouvir histórias ou declamar um poema, ler, dramatizar um texto, realizar um jogral, ou seja, em todas essas maneiras de leitura, a criança está se divertindo, ampliando seu vocabulário e sua bagagem cultural. Além disso, está enriquecendo sua afetividade e aprendendo a lidar com as emoções.

Para Ilan Brenman, pesquisador e autor de dezenas de livros infantis, a morte tornou-se um assunto politicamente incorreto, “por isso devemos nos livrar dela rapidamente. O filósofo Walter Benjamin, em meados dos anos de 1930, já falava sobre essa higienização da morte:” (BRENMAN, 2012)

Morrer, outrora um processo público e altamente exemplar [...] – morrer, durante a Era Moderna, é cada vez mais repellido do mundo perceptivo dos vivos. Antigamente não havia uma casa, quase nem um quarto, em que alguém já não tivesse morrido. [...] Em espaços que ficaram purificados de morte os cidadãos hoje são habitantes enxutos de eternidade e, quando seu fim se aproxima, eles são dispostos pelos herdeiros em sanatórios ou hospitais [...] (BENJAMIN, 1996, p. 70)

Ilan nos mostra como a criança era vista em diferentes períodos da humanidade. Na Grécia Antiga, em Esparta, crianças eram tratadas como pequenos homens. A partir dos 7 anos, e quando adquiriam autonomia, eram tratadas como adultos. Não havia conteúdo específico para a infância, tudo era passado por meio da oralidade, pois só as crianças de classes mais abastadas aprendiam a ler e escrever. Somente após a invenção da prensa por Gutenberg, é que começou a produção de livros específicos para crianças. Seu conteúdo a princípio era didático, ensinando boas maneiras, disciplinando os filhos dos emergentes dentro da sociedade burguesa, por exemplo (BRENMAN, 2012).

Ou seja, a literatura sempre esteve a serviço do crescimento das crianças. Por que, então, não damos a elas textos sobre emoções universais, como tristeza, alegrias, frustrações, temores, para que trabalhem esses sentimentos por meio do universo da fantasia? Em vez disso, são oferecidos livros que, em alguns casos, ignoram por completo as lutas e os conflitos que vivem em seu cotidiano e que fazem parte da natureza humana (BRENMAN, 2012).

Vimos quanta emoção o livro *O Passeio* traz aos seus leitores. Ler ou ouvir a história pela primeira vez, contemplar o texto e as imagens trazem ao leitor uma gama de emoções que podem ser revisitadas a cada leitura, como foi o caso de Guilherme, filho de Aline, e de Ana Paula, professora que dividiu a leitura com seus alunos. Mais adiante, a criança poderá visitar o livro sozinha e sentir o afeto que transborda de suas páginas. Perceba quão enriquecedora pode ser a leitura.

Claro que não podemos transformar a literatura em tábua de salvação para as questões emocionais. Ela é apenas um dos meios para acessá-las e iniciar uma conversa, como afirma Alexandre Rampazo acerca do tema morte na literatura infantil:

Acho que todos os assuntos valem, principalmente no livro ilustrado, que é uma narrativa tão rica, que você pode trabalhar com possibilidades. Mas você tratar sobre morte em um livro para criança, normalmente os editores ficam reticentes. Criar narrativas falando sobre morte não vai amenizar ou aliviar as coisas para as crianças. Sinceramente, do fundo do meu coração, não acho que isso aconteça. Porque o assunto morte pode ser considerado um tabu, mas vai ser difícil de lidar em qualquer momento da vida da gente. Acredito que a literatura contribui, sim, para muitas e muitas coisas, mas a gente não pode jogar todas as responsabilidades para a literatura. Então podemos tratar de temas espinhosos como a morte, de várias formas, com leveza, e quando digo isso não quero dizer de uma forma maquiada. Você pode dizer que, sim, a pessoa morreu, que essa pessoa não existe mais, ela vai ser uma ausência na sua vida. Mas como foi o seu percurso com essa pessoa até a sua morte? Acho que O Passeio fala um pouco disso: uma história sobre afetividade, a visita cruel do tempo e de recomeços, porque no final a morte tem a questão de lembrar que as coisas boas são cíclicas e que a gente está aqui de passagem [...] Sim, narrativas sobre morte têm que ser contadas.

Pablo Lugones também reafirma a importância de falar sobre a morte com as crianças, mas, assim como Alexandre, ressalta que *O Passeio* não é um livro sobre morte. Ele aborda a morte, “é um livro sobre a vida, tem outras coisas, outros momentos que são tão importantes, ou mais ainda. As relações entre pais e filhos. O que é mais apropriado agora do que curtir o momento? No livro, acho que essas coisas são mais sérias do que só pensar na questão da morte no final. Acho que vou tocando em outros pontos em que também me identifico com a relação com meus pais. E é isso, cada livro pode ter também vários assuntos, não é só um tema, tem vários em um livro só”.

Portanto, podemos perceber que as riquezas das histórias são muito maiores do que os temas ditos “espinhosos”. No livro, o menino que vivia triste pode lhe chamar mais atenção em um primeiro momento, mas pense no personagem que fez de tudo para arrancar um sorriso em meio à tristeza, ou, ainda, na história de vida e amizade que uma

senhora pode construir com um menino de 11 anos, e o quanto um aprendeu com o outro naquele tempo de convivência, antes da morte dessa senhora. Como disse Pablo, há muitos assuntos dentro de um único livro: basta ampliar os horizontes e deixar as crianças explorarem a seu modo, sem restrição nem censura literária.

Acredito também que há muitos tipos de “passeio”, sejam eles uma vida, sejam um livro. O mais importante é a qualidade do percurso: como as relações com o outro – ou as histórias – são tecidas e criam seus significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, RUBEM (1999). *A menina e o pássaro encantado*. São Paulo: Loyola.
- ARROYO, Leonardo (2011). *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Editora da Unesp.
- BENJAMIN, Walter (1966). O narrador, considerações sobre a obra de Nicola Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense. (In: BRENMAN, Ilan (2012). *A condenação de Emília*. Belo Horizonte (MG): Aletria.)
- BRENMAN, Ilan (2012). *A condenação de Emília*. Belo Horizonte (MG): Aletria.
- BRENMAN, Ilan (2012). *Através da vidraça da escola: formando novos leitores*. Belo Horizonte (MG): Aletria.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de (1989). *A literatura infantil – visão histórica e crítica*. São Paulo: Global Universitária.
- COELHO, Nelly Novaes (2016). *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- COERR, E. (2004). *Sadako e os mil pássaros de papel*. Americana (SP), Editora Z.
- DEWEY, John (2010). *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes:, p. 118-119.
- IACONIS, Heloísa (2018). Ricardo Azevedo compartilha duas vivências com a literatura. Entrevista disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/ricardo-azevedo-compartilha-suas-vivencias-com-a-literatura?fbclid=IwAR2Ry1nr8Vk3upFrBuNXUuODCFmZn8-4y5LW27dlyu51TNhYfnsxXk-qSq8>>.
- LOBATO, Monteiro (2016). *Reinações de Narizinho*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul.
- LUGONES, Pablo (2017). *O Passeio*. Ilustrações Alexandre Rampazo. Blumenau (SC): Editora Gato Leitor.
- MACHENS, Maria Lucia (2009). *Ruptura e subversão na literatura para crianças*. São Paulo: Global.
- MEIRELES, Cecília (2016). *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Global.
- MONTAIGNE, Michel (2016). *Ensaio*. São Paulo: Editora 34.
- PAIVA, Lucélia Elizabeth (2011). *A arte de falar da morte para crianças*. São Paulo: Ideias & Letras.
- PENZANI, Renata (2018). *A coisa brutamontes*. Ilustrações Renato Alarcão. Recife: Cepe.

VENDRUSCOLO, Juliana (2005). *Visão da criança sobre a morte*. In: Simpósio: Morte, valores e dimensões, Capítulo III. Ribeirão Preto.

ENTREVISTAS REALIZADAS PELA AUTORA

IOZI, Aline. Realizada em abril de 2019. Professora e mãe da Lilian e do Guilherme.

LOPES, Ana Paula. Realizada em abril de 2019. Professora, e trabalha atualmente no Colégio Hebraico-Brasileiro

Renascença.

LUGONES, Pablo. Realizada em abril de 2019. Autor e proprietário da Gato Leitor.

MONTES, ZECO. Realizada em setembro de 2018. Livreiro e proprietário da editora OZÉ.

NOGUCHI, Natália. Realizada em setembro de 2018. Psicóloga, analista de projetos sociais da empresa Fundação Itaú Social e mãe da Nina.

RAMPAZO, Alexandre. Realizada em abril de 2019. Autor e ilustrador.

CATÁLOGOS

PULO DO GATO (2017-2018). Livros para leitores em formação e formadores de leitores.